

CAPÍTULO 12

O *BON-VIVANT*, O ANJO DA GUARDA E A INGLATERRA

No dia 22 de setembro de 1976 iniciamos a viagem que teve muita influência em minha vida pessoal e profissional, em boa parte com o auxílio da minha esposa. Na noite deste marcante dia, eu, Alia e meus filhos, Flávio com 1 ano e 6 meses e Lizely com 4 meses de idade, nos dirigimos ao Aeroporto de Congonhas acompanhados de nossos pais, minha irmã Ana e o cunhado Roberto, meu tio José Jorge Cury, que representava toda a família, e o meu primo Xexéu Cury¹, mais jovem que eu e simpático *bon-vivant*. Todos estavam preocupados com a nossa viagem para a Inglaterra, e talvez a melhor definição deste momento tenha sido dada pelo meu tio: “são quatro crianças viajando para o desconhecido!”

Acredito que meu semblante expressava muita preocupação. Apesar de tentar aprender a falar inglês em cursos tradicionais, eu tinha consciência de que não havia feito uma preparação adequada para encarar uma Universidade de Cambridge. Além disso, a responsabilidade de levar esposa e duas crianças, ambas necessitando de colo, também era assustadora. Alguns minutos antes do embarque, meu primo me levou para longe do grupo de familiares e perguntou:

– Paulão, você está preocupado?

– Muito – respondi.

– Pô, Paulão, você está indo para Inglaterra! É país de primeiro mundo, só tem gente boa. Pior fosse se estivesse indo para Nicarágua².

Esbocei um sorriso amarelo de concordância, quando ele fez uma pergunta inusitada:

– Quanto você está levando *in cash* para esta viagem?

– Quatro mil dólares – respondi.

– Puta que pariu, cara! Com este dinheiro você compra gente da família real. Veja! Qualquer problema que você tiver é só mostrar uma nota de 50 dólares que tudo se resolve. Fique tranquilo, vai dar tudo certo! – Xexéu tinha este carisma, pois sempre concluía suas falas com otimismo.

– Você tem hotel reservado? – continuou o astuto primo.

– Sim – respondi.

– E passagens de volta? – continuou.

– Também! – respondi. Agora era eu que estava interessado em saber onde ele queria chegar com tantas perguntas.

– Então, Paulão, fique frio! Com o dinheiro que você está levando, passagens de volta pagas e hotel, se alguma coisa der crepe³, pegue o avião e volte! Todo mundo vai fazer festa para receber vocês! – disse isto com convincente naturalidade.

Esta rápida conversa me deixou tão tranquilo que passei a dominar a situação com mais confiança. Havia me esquecido que estava bem amparado financeiramente e com passagens de volta!

A Varig era uma empresa aérea que carregava no colo os passageiros brasileiros, e dessa forma tivemos benefícios inimagináveis durante as 14 horas de voo. Algo em torno de uma hora antes de aterrissarmos em Londres, uma senhora de meia idade se aproximou de nós e perguntou se falávamos bem inglês. Respondemos que não. Perguntou também qual a razão da viagem e eu disse que havia sido convidado para o pós-doutorado na Universidade de Cambridge. Na sequência ela disse:

– Meu nome é Elza Spinelli⁴, também sou professora e meu filho é um dos proprietários de uma faculdade em Ribeirão Preto. Se vocês não se importarem eu poderei acompanhá-los na passagem pela alfândega, acho que posso ajudá-los a responder as perguntas que vão lhes fazer – em seguida perguntou para mim:

– Você tem o convite da Universidade de Cambridge? Se tiver, deixe-o no jeito para que possamos mostrar no caso de pedirem o documento.

Eu e a Alia ficamos paralisados diante de tanta disponibilidade num dos momentos mais complicados quando se chega a um país estrangeiro. Evidentemente aceitamos.

Passamos com facilidade pela alfândega graças ao auxílio desta senhora, não sem antes o comissário nos alertar que tínhamos 48 horas para nos cadastrarmos no serviço de saúde da Inglaterra. Isso nos garantiria receber tratamento gratuito quando necessário, uma vez que ficaríamos por um ano naquele país como convidado de uma universidade britânica.

Ao pegarmos as bagagens eu notei que a senhora, certamente preocupada

conosco, nos olhava à distância. Assim que caminhávamos para a porta de saída do aeroporto ela veio ao nosso encontro e perguntou:

– Onde vocês vão se hospedar?

– No Lancaster Hotel, em Lancaster Gate – respondi.

– É o mesmo hotel em que vou ficar. Veja que coincidência! – ela afirmou com visível alegria.

– Bem – disse ela – é mais econômico pegarmos um ônibus até o terminal Victoria e de lá tomamos um táxi. Vocês concordam?

Por ser uma senhora sexagenária, ela mostrava muita desenvoltura para se movimentar naquele enorme Aeroporto de Heathrow. Durante o trajeto de ônibus até o terminal Victoria ela nos disse que viajava anualmente para Londres, onde ficava por uma ou duas semanas para assistir peças de teatro, fazer algumas compras e ver as novidades que demorariam a chegar no Brasil.

No hotel, Elza continuou a nos ajudar facilitando nossa comunicação com o recepcionista e pedindo que providenciassem leite para as crianças e um apartamento confortável para nós. Quando constatou que já tínhamos as chaves do apartamento e que as mamadeiras das crianças haviam sido providenciadas, ela nos deu boa noite e se recolheu. Tudo foi tão inesperado e fácil que não acreditávamos que já estávamos em Londres, bem acomodados. Na manhã seguinte, ao vê-la na sala de café, nós a agradecemos por todo o seu empenho em nos ajudar. Enquanto tomávamos o café da manhã, ela buscou o endereço do posto de cadastramento de saúde e ainda nos orientou como chegar até lá.

– Se precisarem de algo mais estarei aqui por sete dias – disse ela ao se despedir.

Esta senhora foi realmente um anjo da guarda. Ela facilitou sobremaneira a nossa chegada a Londres, após 14 horas de um cansativo voo. Nunca mais a vimos. Mas frequentemente nos lembrávamos de suas feições, dos seus gestos e de seus cuidados. Muito tempo depois soubemos que se tratava de uma pessoa muito influente na área da educação em Ribeirão Preto (ver referência no glossário).

E assim termina o capítulo que nos ensinou a importância da solidariedade.

Glossário deste capítulo

¹ Xexéu Cury (José Jorge Cury Junior): primo do autor, advogado e empresário de hotelaria em São Paulo. Atualmente curte sua aposentadoria no Guarujá. Durante sua juventude foi realmente *bon vivant*, muito querido pelos amigos graças ao seu otimismo e as suas conversas sempre agradáveis. Ao graduar-se em direito preferiu assumir os negócios da família, tornando-se um empreendedor de sucesso. Continua *bon-vivant*.

² Nicarágua: nos anos 70 este país da América Central estava enfrentando enorme crise política e econômica, com assaltos a turistas e outras violências.

³ Deu crepe: sinônimo de dar errado

⁴ Elza Aparecida Dinamarco Spinelli: professora e doutora, fundou juntamente com seu marido Domingos João Baptista Spinelli e o casal Neusa e José Favaro Junior a Associação Ribeirão-pretana de Educação, atual Centro Universitário Barão de Mauá de Ribeirão Preto. Ela dá nome a uma escola municipal e a uma praça na cidade de Ribeirão Preto.